

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições



Atena
Editora
Ano 2022

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Gênero e sexualidade: lugares, história e condições

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G326 Gênero e sexualidade: lugares, história e condições /
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0078-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.783221703>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Ferreira,
Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 306.765

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A coletânea *Gênero e sexualidade Lugares, história e condições*, reúne neste volume dezoito artigos para problematizar as relações de gênero na contemporaneidade.

A partir da virada do século XIX para o XX, com o advento da Psicanálise, estudando a histeria e se questionando sobre o que quer uma mulher, e com as discussões em torno das Ciências Sociais e Humanas, que procuravam encontrar um lugar social para os homens e mulheres, e sobretudo, com o advento das pesquisas culturais e feministas, indagando sobre a participação dos grupos minoritários na sociedade, as pesquisas sobre sexualidade e gênero ganham espaço nos meios acadêmicos.

Do questionamento sobre como se constrói uma mulher, à despatologização da homossexualidade, e à luta pela igualdade de direitos, um leque infinito de possibilidades discursivas é aberto, na tentativa tanto de remediar os efeitos danosos de intolerância e tradicionalismo, quanto de construção de subjetividades impares.

Espero que pela leitura dos textos que se seguem, uma abertura crítica sobre a diversidade das possibilidades de leituras sobre a questão do gênero surja para cada leitor.

Uma boa leitura a todos!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

AMOTINADAS: TEATRO COM PRÁTICA PEDAGÓGICA DE (RE)EXISTÊNCIA

Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217031>

CAPÍTULO 2..... 9

AS REPRESENTAÇÕES DO FEMINISMO NA HEROÍNA CAPITÃ MARVEL: UMA ANÁLISE FILMOGRÁFICA DO PROTAGONISMO FEMININO NO MARVEL CINEMATIC UNIVERSE (MCU)

Thayline de Freitas Bernadelli

Márcio José Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217032>

CAPÍTULO 3..... 23

CORPOS INTERSEXOS NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO

Bruna Silveira Chaves

Ludmila Mourão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217033>

CAPÍTULO 4..... 35

GÊNERO, ESTÁ NOS PLANOS DA UNIVERSIDADE?

Rosângela Wojdela Cavalcanti

Nanci Stancki da Luz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217034>

CAPÍTULO 5..... 48

LA ESCUELA, UNA ACTORA RESPONSABLE PARA ERRADICAR LA VIOLENCIA A LAS MUJERES A PARTIR DEL DESARROLLO DE CAPACIDADES

Daniela Francisca Lagos Chávez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217035>

CAPÍTULO 6..... 54

MATERNIDAD COMO OBJETO DE “SALUD”. DISCURSOS, GÉNERO Y CULTURA CONTEMPORÁNEA RESPECTO AL USO DE TECNOLOGÍAS DE REPRODUCCIÓN HUMANA ASISTIDA

Leila M. Passerino

Noelia S. Trupa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217036>

CAPÍTULO 7..... 69

O “NÃO MAIS” E O “AINDA NÃO” NA ESCOLARIZAÇÃO DAS FILHAS DE MULHERES ANALFABETAS

Marileia Gollo de Moraes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217037>

CAPÍTULO 8..... 79

POLÍTICA EDUCACIONAL E GÊNERO(S) EM ARAGUAÍNA-TO (2015-2017): DIÁLOGOS SILENCIADOS?

Fátima Maria de Lima
Osmar Oliveira de Moura
Patrícia Fonseca Dias Miranda
Luciane Cardoso do Nascimento Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217038>

CAPÍTULO 9..... 86

REFLEXÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NEGRAS E A NECROPOLÍTICA NO CONTEMPORÂNEO

Elenson Gleison de Souza Medeiros
Rafaelly Cristina Santos da Silva
Pâmela Fernanda Vaz Ferreira
Cyntia Santos Rolim
Valber Luiz Farias Sampaio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217039>

CAPÍTULO 10..... 98

TRANSMASCULINIDADE EM “A QUEDA PARA O ALTO” (1982), DE ANDERSON HERZER

Melissa Salinas Ruiz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170310>

CAPÍTULO 11 109

LA ESCOLARIZACIÓN Y SU INCIDENCIA EN LA EDUCACIÓN INTERCULTURAL: ESTUDIO DE CASOS EN CONTEXTOS MULTICULTURALES EN EL MARCO DE LA REFORMA EDUCACIONAL CHILENA

Daniela Francisca Lagos Chávez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170311>

CAPÍTULO 12..... 120

VIOLÊNCIA FINANCEIRA: ANÁLISE DAS NOTIFICAÇÕES NO ESPÍRITO SANTO NO PERÍODO de 2011 a 2018

Elisa Aparecida Gomes de Souza
Franciéle Marabotti Costa Leite
Gracielle Pampollim
Gabriela Ravete Cavalcante
Márcia Regina de Oliveira Pedroso
Edleusa Gomes Ferreira Cupertino
Fábio Lúcio Tavares

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170312>

CAPÍTULO 13..... 133

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER E SUA LIGAÇÃO COM OS CASOS DE

FEMINICÍDIO

Ionara da Silva Soares
Bruna Thairla Soares Salazar
Marcia Juliana Barbosa da Silva
Mariana Monteiro Freitas
Marcia Regina Pereira Bilio
Pedro de Sousa Vieira
Wayla Kelly de Lima Martins
Rayane Silva Magalhaes Costeira
Graciete Rodrigues dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170313>

CAPÍTULO 14..... 142

PATRIARCADO, MACHISMO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Jaiani Vitor da Silva
Djane Alves Victor
Alexsandra Felipe de Andrade
Maria Aldene da Silva Monteiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170314>

CAPÍTULO 15..... 154

UMA REVISÃO SOBRE O ESTIGMA DA MULHER OBESA: O EXCESSO DE PESO SOBRE O CORPO GORDO

Nathália Matoso de Vasconcelos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170315>

CAPÍTULO 16..... 164

PARTO NA PERIFERIA: A INSERÇÃO DE EXPERIÊNCIAS MARGINAIS NO MOVIMENTO DE HUMANIZAÇÃO AO PARTO E NASCIMENTO NA CIDADE DE SÃO PAULO

Laura Carvalheira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170316>

CAPÍTULO 17..... 176

ESTRATÉGIAS DE INSERÇÃO DAS IMIGRANTES VENEZUELANAS NO CONTEXTO URBANO DE BOA VISTA/RR

Alessandra Rufino Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170317>

CAPÍTULO 18..... 190

DESEMPENHO DE MENINOS E MENINAS EM TESTES DE LEITURA, ESCRITA, ARITMÉTICA, ATENÇÃO E LOCALIZAÇÃO ESPACIAL

Andréia dos Santos Felisbino Gomes
Viviani Massad Aguiar
José Salomão Schwartzman

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170318>

CAPÍTULO 19.....	213
REFLEXÕES DO OLHAR SOBRE O HOMEM E A MULHER NA PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Fábia Cristina Santos	
Ezequiel Martins Ferreira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170319	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	227
ÍNDICE REMISSIVO.....	228

CAPÍTULO 2

AS REPRESENTAÇÕES DO FEMINISMO NA HEROÍNA CAPITÃ MARVEL: UMA ANÁLISE FILMOGRÁFICA DO PROTAGONISMO FEMININO NO MARVEL CINEMATIC UNIVERSE (MCU)

Data de aceite: 01/02/2022

Data de submissão: 24/01/2022

Thayline de Freitas Bernadelli

Universidade Estadual de Maringá – UEM
Maringá – Paraná
<http://lattes.cnpq.br/5711001595654863>

Márcio José Pereira

Universidade Estadual de Maringá – UEM
Maringá – Paraná
<http://lattes.cnpq.br/6428881358629853>

RESUMO: O presente artigo analisou as representações do feminismo na heroína Capitã Marvel, tendo como fonte o filme *Capitã Marvel* (2019). Procuramos demonstrar a importância de uma mulher ter um filme solo em um universo de super-heróis, que é predominantemente masculino. Utilizamos como base teórica autores e autoras que analisam a teoria feminista e de gênero, debates sobre a presença feminina no cinema e nos diversos espaços sociais. Metodologicamente, selecionamos cenas do longa-metragem para investigar características que tencionam os estereótipos femininos relacionados à representação, as quais rompem com padrões estipulados pela sociedade atual. Assim, apontamos o filme *Capitã Marvel* (2019), enquanto importante elemento formador no reposicionamento dos papéis das mulheres no cinema e na continuidade da luta pela equidade de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Capitã Marvel;

Representação; Cinema; Feminismo.

THE REPRESENTATIONS OF FEMINISM IN THE HEROINE CAPTAIN MARVEL: A FILMOGRAPHIC ANALYSIS OF FEMALE PROTAGONISM IN THE MARVEL CINEMATIC UNIVERSE (MCU)

ABSTRACT: This article analyzed the representations of feminism in the heroine Captain Marvel, based on the film *Captain Marvel* (2019). We seek to demonstrate the importance of a woman having a solo film in a superhero universe, which is predominantly male. We will use as a theoretical basis authors who analyze feminist and gender theory, debates about the female presence in cinema and in different social spaces. Methodologically, we selected scenes from the feature film to investigate characteristics that intend the female stereotypes related to representation, which break with the standards stipulated by today's society. Thus, we point to the movie *Captain Marvel* (2019), as an important formative element in the repositioning of female roles in cinema and in the continuity of the fight for gender equality.

KEYWORDS: Captain Marvel; Representation; Cinema; Feminism.

1 | O FEMINISMO E O CINEMA

Ao longo dos anos as mulheres tomaram consciência da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado (GARCIA, 2015, p. 13). O aparecimento de

escritos feministas e de movimentos de mulheres remonta ao início do século XIX, quando as manifestações das mulheres e suas reivindicações foram ouvidas no mundo todo. De acordo com Natalia Pietra Méndez:

[...] assistimos a diversas experiências de organizações que questionaram o papel social das mulheres, exigiram direitos civis, como acesso à formação superior, ao voto e à participação política. As ativistas vinculadas a essa luta ficaram conhecidas como 'sufragistas' (MÉNDEZ, 2011, p. 51-52).

Simultaneamente, as mulheres lutaram contra o regime escravista. A luta pela abolição mobilizou parcelas significativas de mulheres. O feminismo no século XIX também está associado à consolidação do capitalismo e da burguesia enquanto classe social. Para a sociedade capitalista era necessário a capacitação das mulheres da classe operária para o desempenho das atividades laborais. Conjuntamente, a alfabetização passou a ser um atributo necessário à boa esposa e mãe das classes mais elevadas, facilitando assim, a repercussão de ideias emancipatórias entre as mulheres. A entrada das mulheres no mercado de trabalho, possibilitou uma crescente organização na luta por direitos iguais e melhores condições trabalhistas (MÉNDEZ, 2011). No século XIX, percebe-se a existência de dois movimentos paralelos:

[...] de um lado, a discussão sobre a situação da mulher proletária, centrada nas questões da desigualdade de direitos trabalhistas e na exploração de mão-de-obra; de outro, a organização de mulheres pertencentes principalmente aos segmentos médios, intelectualizadas, com o objetivo específico de lutar pela emancipação feminina e a pela conquista de direitos civis (MÉNDEZ, 2011, p. 55).

Depois da Segunda Guerra Mundial (1934-1945), nos Estados Unidos e em países aliados, a presença das mulheres em fábricas, escritórios e bases militares, tornou-se uma realidade definitiva, haja vista, elas ocuparam muitos lugares provisoriamente durante as guerras e passaram a alavancar o setor econômico (LEVI, 2007, p. 65). Entretanto, a situação nos anos seguintes, segundo Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy, recebe um retrocesso:

[...] com o final da guerra e o retorno da força de trabalho masculina, que a ideologia que valoriza a diferenciação de papéis por sexo, atribuindo à condição feminina o espaço doméstico, é fortemente reativada, no sentido de retirar a mulher do mercado de trabalho para que ceda seu lugar aos homens. As mensagens veiculadas pelos meios de comunicação enfatizam a imagem de "rainha do lar", exacerbando-se a mistificação do papel da dona-de-casa, esposa e mãe. Novamente o trabalho externo da mulher é desvalorizado, tido como suplementar ao do homem (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 50).

O período entreguerras foi marcado, então, pela decadência dos movimentos feministas. Somente com o avanço da segunda onda feminista no final da década de 1960, o cenário começa a mudar. À vista disso, os estudos feministas chegam ao cinema na década de 1970. As teóricas feministas buscavam enfatizar questões de gênero e da

representação da mulher, que eram normalmente estereotipadas de forma negativa. A indústria cinematográfica hollywoodiana, “criou a imagem da mulher fatal, erótica e tão inatingível quanto as estrelas no firmamento, indispensável para a cultura hedonista que se buscava produzir” (STAM, 2003, apud ACSELRAD, 2015, p. 94).

A indústria do cinema sendo dominada por homens, moldou a figura da mulher por e para eles, a imagem feminina era apenas objeto de apreciação masculina. Assim, os estereótipos femininos foram sendo reproduzidos, a mulher interpretava apenas papéis passivos, secundários, como suporte para protagonistas masculinos. O cinema na década de 1960 e 1970, ainda possui como foco a sexualização da mulher, perpetuando uma imagem em que a mulher não possuía autonomia, era submissa aos homens e fetichizada, idealizando a imagem de uma mulher irreal.

Os estereótipos femininos continuam a ser reproduzidos sem grandes alterações até a terceira onda feminista, na década de 1980, quando se busca uma mudança nos estereótipos retratados pelas mídias. Assim, não em sua totalidade, mas em grande parte, a imagem da mulher nas telas começa a mudar, surgem personagens fortes que tencionam os papéis tradicionais de gênero.

2 | A ASCENSÃO FEMININA NO UNIVERSO DOS FILMES DE SUPER-HERÓIS

De acordo com Catherine Dalpiaz Adam, diversos movimentos minoritários ganharam força no século XXI. Nos últimos dez anos, principalmente, observamos a emergência de diversas campanhas nacionais e internacionais relacionado às minorias sociais. Assim, muitos filmes vêm surgindo como reação a acontecimentos históricos de sua época e seus movimentos. Diferentes heróis foram criados a partir de determinados contextos históricos, adaptações são realizadas para se enquadrar nos aspectos políticos, econômicos e socioculturais da sociedade (ADAM, 2019).

Nesta direção, as pessoas estão cada vez mais preocupadas com o outro e buscando contribuir para o bem-estar social. Diante disso, cada vez mais os consumidores preferem empresas relacionadas com causas sociais, alimentando assim, seu desejo de consumo. Entre grupos que possuem maior influência para alavancarem a causa, estão as mulheres, que possuem crescente poder de compra e buscam produtos que as proporcionam *empowerment* (KOTLER, 2010, p. 139-143, apud ADAM, 2019, p. 38-40)¹. Isso explica o aumento do número de mulheres consumidoras de histórias em quadrinhos e fãs de filmes de super-heróis.

O universo dos super-heróis constitui uma das culturas mais rentáveis do cinema. O Marvel Studios, por exemplo, já totalizou vinte e dois bilhões de dólares em treze anos². Ampliar a representatividade e a diversidade dos personagens auxilia na consolidação da

1 “Ver-se representado é um fator de grande importância para o estabelecimento de associações emocionais e, ao apresentar personagens diversos, o estúdio fortalece a relação com seus consumidores” (ADAM, 2019, p. 44).

2 Para mais informações ver: <https://www.boxoffice Mojo.com/>

empresa como um dos principais nomes da indústria do entretenimento do século XXI. Cada vez mais, os personagens presentes em referidos longas, são desenvolvidos de forma a agregar outros públicos. Durante dez anos, permaneceu nos filmes de super-heróis uma hegemonia de homens, brancos e héteros, que é quebrada em 2018, com *Pantera Negra*, interpretado por um homem negro, e, mais tarde, com *Capitã Marvel* (2019), uma mulher que não se enquadra nos padrões *heteronormativos*.

Capitã Marvel (2019), destaca-se como o primeiro filme solo de uma heroína da *Marvel Studios*. O longa é ambientado em 1990 e acompanha a trajetória da personagem Carol Danvers, interpretada pela atriz Brie Larson. Uma mulher em busca da sua identidade e origem de sua força, que se tornou uma poderosa guerreira de elite da raça Kree, mas não possui lembranças do seu passado. Após ser capturada pelos Skrulls, ela acidentalmente cai na Terra e começa a ter pistas da sua real identidade. Ao passo que Carol vai se lembrando de sua origem, o longa vai nos mostrando as dificuldades e preconceitos que ela enfrenta desde pequena, como conviver com o irmão e ele poder fazer coisas que ela não pode, por ser mulher. Bem como, quando passa a ocupar cargos majoritariamente masculinos, como pilota da Força Aérea dos Estados Unidos (USAF).

Dirigido por Anna Boden e Ryan Fleck, o longa foi lançado no dia 8 de março de 2019, o Dia Internacional da Mulher e figurou como líder de bilheteria em quase todos os mercados internacionais na sua estreia, ultrapassando a marca de 1,1 bilhão na bilheteria mundial. É um filme estadunidense de super-herói, baseado na personagem Carol Danvers da *Marvel Comics*, produzido pela *Marvel Studios* (MCU) e distribuído pela *Walt Disney Studios Motion Pictures*. Anna Boden é a primeira diretora feminina do MCU, o filme contou com uma equipe criativa composta pelo maior número de mulheres dentro de uma produção cinematográfica da Marvel.

Capitã Marvel (2019) aborda questões como o empoderamento feminino, diversidade, representatividade de gênero e questões políticas como a situação de refugiados. Como produto de sua época, o longa apresenta indagações do nosso tempo, influenciadas por questões e movimentos vigentes no contexto atual, tal qual o feminismo.

Desta forma, este texto objetiva analisar as representações do feminismo na heroína Capitã Marvel, tendo como fonte o filme *Capitã Marvel* (2019). Adentraremos a partir deste momento na análise de algumas cenas selecionadas no filme, para investigar as quebras de padrões presentes no longa e sua representação.

3 | ANÁLISE DAS CENAS DO FILME *CAPITÃ MARVEL* (2019)

Carol vai até o alojamento do seu comandante, Yon-Rogg, e começam a lutar como treinamento. Durante a luta ele está constantemente bloqueando ela.

Texto – Yon-Rogg:

“Você tem que esquecer o passado.”

Texto Carol:

“Não consigo lembrar dele.”

Texto: Yon-Rogg:

“Isso causa dúvida em você. E isso te deixa vulnerável.”



Eles permanecem lutando e Yon-Rogg continua segurando Carol, com raiva ela ameaça soltar uma rajada de fótons no comandante.

Texto – Yon-Rogg:

“Controle-o. Perca o controle de novo e terá que lidar com a Inteligência Suprema. Não há nada mais perigoso para um guerreiro que a emoção.”



Ambos se levantam, ela ri como quem está burlando o que ele disse, o que o desaponta.

Texto – Yon-Rogg:

“Humor é uma distração. Raiva só é boa para o inimigo.”



Continuam lutando e ele a joga no chão, em um impulso Carol o atinge com uma rajada de fótons e após, sua expressão é de preocupação, como alguém que excedeu o limite.



Muda a cena e eles estão a caminho do lugar onde se encontra a Inteligência Suprema. Carol então começa a indagar a respeito de seus poderes.

Texto – Carol:

“Qual o sentido de me dar isso se não se quer que eu os use?”

Texto – Yon-Rogg:

“Eu quero que você os use. A Inteligência Suprema me deu a responsabilidade de te mostrar como usá-los.”

Texto – Carol:

“Eu sei como”.

Texto – Yon-Rogg:

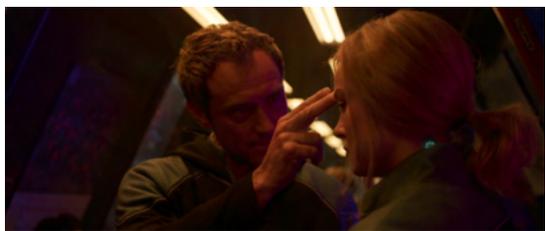
“Bem, se isso fosse verdade, teria me derrubado sem isso”.



Carol lhe dá um tapa, como quem se diverte e ele prossegue sua fala.

Texto – Yon-Rogg:

“Controle seus impulsos. Pare de usar isso (aponta para o coração de Carol) e comece a usar isso (aponta para a cabeça de Carol). Quero que você alcance seu potencial máximo.”



Legenda: Cena do minuto 00:02:53 – 00:04:41.

Quadro 1 - Cena do filme Capitã Marvel

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

No decorrer da cena, Yon-Rogg, o comandante de Carol, segura ela abaixo dele, como quem a subjuga. Quando ela ameaça soltar uma rajada de fótons, ela parece ter o comando, mas logo em seguida ele pede para que ela controle seu poder novamente. Ambos são mostrados geralmente em um primeiro plano, demonstrando intimidade e expressão e ressaltando a ação e fala dos autores. Yon-Rogg é a todo momento exibido de baixo para cima, como quem está eminente a Carol. O diálogo expõe uma preocupação constante por parte do comandante de que Carol reprima suas emoções.

Seu mentor insiste que Carol controle seu poder, seus impulsos e seus sentimentos, a emoção para um guerreiro indica fragilidade. Vista como o sexo frágil durante séculos, a fragilidade é uma característica remetida à mulher. Assim, a personagem precisa reprimir seus sentimentos para se enquadrar em um ideal. Os atributos de um guerreiro vistos como positivos (controle de seus medos, honra, fidelidade, paciência, força, coragem etc.), são qualidades geralmente atribuídas aos homens³.

Michelle Perrot indica que desde Aristóteles até Freud, o sexo feminino é visto como um defeito da natureza. Para Aristóteles, a mulher é um homem incompleto e para Freud um ser indicado para a passividade, devido a sua anatomia. Seus humores são irrelevantes se comparados a capacidade criadora do esperma. “Inferior, a mulher o é, de início, por causa de seu sexo, de sua genitália” (PERROT, 2019, p. 63).

Ao longo do tempo as mulheres sempre foram julgadas como o ser emotivo, a que *chora*, a que *grita*, a que é *louca* ou *histérica*. É remetido a mulher a falta de controle, o homem é sempre estável e racional. A emoção sempre esteve associada a inexistência de racionalidade, devendo ser controlada ou eliminada. Logo cedo as relações sociais marcam a figura feminina como passional, chegando por vezes a ser considerada “descontrolada”,

3 “Amâncio (1998) fez um estudo no qual analisa os conteúdos simbólicos associados às diferenciações sociais entre os sexos. Nesse estudo, os participantes (estudantes universitários de Lisboa) deveriam descrever-se a uma pessoa do mesmo sexo e a uma pessoa do sexo oposto [...]. A autora concluiu que os participantes consideraram que as principais características usadas na descrição das mulheres são relacionadas à emotividade e fragilidade (afetuosa, dependente, emotiva, frágil, meiga, maternal, sensível, submissa, sentimental etc.). Em contrapartida, a imagem social do homem fundamenta-se na atividade e na força (ambiciosa, audacioso, corajoso, aventureiro, dominador, forte etc.)”, (apud LIMA; GONDIM, et al, 2005, p. 74-75).

o menino desde criança “não chora”. Emoção e razão são vistas como opostos, sendo a figura feminina também contrária a razão (FIGUEIREDO; AMOR DIVINO; FERREIRA, 2012, p. 17). De acordo com Helcira Maria Rodrigues de Lima:

[...] no domínio do senso comum, as emoções sempre estiveram relacionadas à ideia de fraqueza, à incapacidade de domínio de si em determinadas situações e, mais ainda, no que se refere a cultura brasileira, esteve sempre relacionada a uma certa “feminilização” do sujeito. Isto porque as mulheres representariam, de acordo com algumas correntes filosóficas e para nossa sociedade conservadora, seres humanos menores e por isso mesmo mais susceptíveis a “ações irracionais”, elas seriam o lado humano ideal para a manifestação de toda espécie de emoções (LIMA, 2006, p. 126).

O comandante de Carol reiteradamente confirma entender o que é melhor para ela, através dele, ela compreenderia seus poderes e sua força. Esse pensamento está estritamente ligado ao patriarcado⁴, o homem precisa estar no controle de tudo e todos. O controle patriarcal se estende desde às famílias, às relações sexuais, trabalhistas e outras esferas (GARCIA, 2015, p. 17).

<p>Carol foi capturada pelos Skrulls, que exploram sua mente em busca de informações. Uma das memórias encontradas é de Carol quando criança, competindo em uma pista de Kart com seu irmão e outros meninos.</p> <p>Texto – Irmão: “Você está rápida demais! Precisa ir mais devagar!”</p>	
<p>Em reação ao comentário do seu irmão, ela acelera ainda mais e sofre um acidente. Após o acontecimento o pai de Carol encaminha-se ao seu encontro irritado.</p> <p>Texto – Pai: “Está maluca? Não pertence a esse lugar.”</p> <p>Texto – Carol: “Você o deixa dirigir.”</p>	

4 Dolores Reguant define o patriarcado da seguinte maneira: “Forma de organização política, econômica, religiosa, social baseado na ideia de autoridade e liderança do homem, no qual se dá o predomínio dos homens sobre as mulheres: do marido sobre as esposas, do pai sobre a mãe, dos velhos sobre os jovens, e da linhagem paterna sobre a materna. O patriarcado surgiu da tomada de poder histórico por parte dos homens que se apropriaram da sexualidade e reprodução das mulheres e seus produtos: os filhos, criando ao mesmo tempo uma ordem simbólica por meio dos mitos e da religião que o perpetuam como única estrutura possível” (REGUANT, 2001, p.20).

<p>Em uma próxima cena, Carol está diante de vários homens durante seu treinamento na USAF (Força Aérea dos Estados Unidos), que lhe dirigem diversos comentários.</p> <p>Texto – Homens: “Desista logo!” “Não pertence a esse lugar.” “Qual é, cara.” “Você não é forte o bastante, vai se matar.”</p>	
<p>Pulando de um obstáculo a outro ela acaba caindo e os homens ao seu redor estão rindo. Enquanto permanece no chão o capitão aproxima-se dela.</p> <p>Texto – Capitão: “Nunca deixarão você pilotar.”</p>	
<p>Em seguida, sua memória remete a um bar onde os pilotos se reuniam e um deles dirige-se a Carol.</p> <p>Texto – Piloto: “Você é uma boa piloto, mas muito emotiva.”</p>	

Quadro 2 - Cena do filme Capitã Marvel.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Legenda: Cena do minuto 00:14:55 – 00:15:48.

A frase “você não pertence a esse lugar”, é direcionada a Carol desde criança, quando ela realizava brincadeiras consideradas masculinas e, mais tarde, quando escolhe uma profissão exercida majoritariamente por homens. Como já mencionado, a fragilidade é vista como uma característica tipicamente feminina, desde a infância as meninas são tratadas de forma diferente dos meninos, a começar por brincadeiras particulares de um e outro, como também um tratamento díspar em diversas situações. É destinado as meninas atividades mais delicadas, de menos exigência física e cuidados com a casa, enquanto aos meninos tarefas contrárias ao que uma mulher faz e tem-se um incentivo a conhecer coisas além do seu lar. Geralmente se designa às mulheres o espaço privado enquanto aos meninos o público. Assim de acordo com Nalu Faria e Miriam Nobre:

[...] meninas e meninos adquirem características e atribuições correspondentes aos considerados papéis femininos e masculinos. As crianças são levadas a se identificarem com modelos do que é feminino e masculino para melhor desempenharem os papéis correspondentes. Os atribuídos às mulheres não são só diferentes dos do homem, são também desvalorizados. Por isso, as mulheres vivem em condições de inferioridade e subordinação em relação aos homens (FARIA; NOBRE, 2007, p. 1).

Na segunda memória, Carol está ocupando um espaço refutado às mulheres durante anos. Na Força Aérea dos Estados Unidos, mais uma vez escuta que “não pertence àquele lugar”. As mulheres estiveram aprisionadas a um lugar subalterno, destinadas ao espaço doméstico, ao casamento e a maternidade, esses papéis eram vistos como naturais e parte da essência feminina. Com o tempo as mulheres passaram a ocupar os espaços considerados masculinos, adentraram no mundo do trabalho e se estabeleceram em cargos reservados aos homens (LEAL, 2016, p. 172).

Para Dennis Mumby (1996), conforme apontado por Tatiane Leal (2016), o espaço do trabalho constrói e reproduz identidades, a partir de um olhar naturalizado sobre os papéis femininos e masculinos. Ao impedir que mulheres sejam reconhecidas por habilidades como cálculo, estratégia e força, características comumente atribuídas aos homens, perpetuam estereótipos e lhes contestam esses espaços. O ambiente trabalhista possui práticas, direitos e proibições de acordo com as perspectivas sociais relacionadas ao masculino e ao feminino.

A última memória ressalta novamente o olhar de que emoção é um atributo feminino e encarado como negativo. Para Perrot (2019), quando as mulheres ousam agir como homens, tudo se complica, quando saem do espaço privado para o público são criticadas assim que se mostram ou falam mais alto. Qualquer aspecto díspar do considerado racional, fazem com que sejam censuradas⁵.

Todas as cenas mostram Carol de cima para baixo, passando a sensação de que a personagem é inferior a quem a observa. Primeiro com seu pai, que a reprime por estar fazendo o mesmo que seu irmão, e depois com o capitão, que a olha enquanto ela está caída no chão, e lhe diz que nunca deixarão ela pilotar, indicando que ela é fraca e incapaz de ocupar esse espaço. Carol demonstra tencionar os padrões *heteronormativos*, uma vez que, em resposta ao seu irmão, que a pede para ir mais devagar, ela acelera, manifestando assim, contestar o que ele diz. Também indaga ao seu pai, que ele deixa seu irmão dirigir e expressa não aceitar que somente ele possa, questionando o porquê não poderia também.

5 “Na cultura ocidental, as mulheres têm sido definidas, historicamente, como seres emocionais. Tanto os sentimentos quanto o sexo feminino são considerados, no senso comum e em parte do pensamento científico, como entidades naturais, portanto caóticas, irracionais e potencialmente perigosas” (LEAL, 2016, p. 175).

Carol e Maria estão sentadas na cozinha conversando. Carol pede a Maria que conte o que aconteceu na manhã do acidente.

Texto – Maria:

“Você me acordou batendo na porta ao amanhecer. Como de costume. Naquela época tínhamos que levantar muito cedo. A USAF ainda não deixava mulheres pilotarem caças, logo, testar aviões da Lawson era nossa chance de ser importante. Você queria apostar corrida até a base com seu Mustang, eu não quis discutir, sabia que meu Camaro ganharia. Mas você trapaceou e pegou um atalho.”

Texto – Carol:

“Pegar atalho é trapacear?”

Texto – Maria:

“Quando viola regras pré-determinadas, é.”

Texto – Carol:

“Não lembro delas.”

Texto – Maria:

“Claro que não.”



Ambas riem e após uma pausa Maria recomeça e dirige a Carol um olhar deprimido.

Texto – Maria:

“Quando eu cheguei no hangar, Lawson estava agitada. Ela disse que tinha vidas para salvar. Ela queria pilotar, mas você disse que...”

Texto – Carol:

“Se vidas estivessem em perigo, eu pilotaria o avião.”

Texto – Maria:

“Isso. É. Grande momento de heroína. O momento que ambas estávamos esperando.”



Legenda: Cena do minuto 00:59:05 – 01:00:07.

Quadro 3 - Cena do filme Capitã Marvel

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Nessa cena destacaremos dois pontos, a começar pela fala da personagem Maria Rambeau, a qual expõe o fato que naquela época a USAF ainda não deixava mulheres pilotarem caças. O filme é ambientado em 1990, as Forças Armadas ainda era um campo muito restrito às mulheres, mesmo na eventualidade de que haja o ingresso de mulheres em diversos países há décadas. Nos Estados Unidos as mulheres estão presentes no exército desde 1970.

De acordo com Vitor Hugo de Araújo Almeida, as mulheres foram admitidas na Força Aérea do Brasil (FAB) em 1982. Em 2014 o percentual das mulheres nas Forças era de 6,6%, o que equivale a 23.787 mulheres, enquanto homens somam-se 335.348. Não obstante, o efetivo de Oficiais Gerais nas Forças em 2014 foi de 1 mulher e 372 homens. Na Força Aérea do Brasil, há um total de 69.093 pessoas, dessas 9.937 são mulheres (ALMEIDA, 2015, p. 15-19).

Há atualmente, mulheres pilotos de caça na FAB. Esse fato merece destaque no presente trabalho. Os pilotos de caça são, em toda força armada do mundo, membros de uma elite combatente. São orgânica, física, intelectual e psicologicamente testados e selecionados ao extremo, de forma que, se

há mulheres no seio desses combatentes, poucos argumentos contrários à entrada delas em qualquer outro meio das Forças Armadas conseguem subsistir (ALMEIDA, 2015, p. 22).

Conforme aponta Almeida (2015), na Força Aérea do Brasil, as mulheres também ocupam cargos de intendentes, engenheiras, médicas, capelães e técnicas. Embora a força ainda mantenha limitações a determinados cargos. Alguns argumentos contrários à presença feminina na Força foram expostos, a começar pelo aspecto psicológico, a premissa foi de possíveis reações na liderança de mulheres sobre mulheres e de mulheres sobre homens, também a fragilidade psicológica da mulher em situações de stress contínuo ou de altas pressões. No que diz respeito ao aspecto físico, as mulheres seriam naturalmente mais fracas que os homens, o que as impediria de participar de combates de maior violência. A presença feminina também influenciaria na harmonia da tropa, que poderia ser afetada por paixões, ciúmes, preocupações com a mulher por ser mais frágil. Conjuntamente haveria o perigo de crimes sexuais, possibilidades de estupros e assédio sexual. Por fim, a mulher possui um papel na sociedade, como progenitora a medida em que a mãe não se encontra presente, poderia afetar na construção da família (ALMEIDA, 2015, p. 33-35).

É perceptível como as mulheres ainda são vistas como o ser emotivo enquanto o homem equivale ao ser racional, suas emoções poderiam afetar sua liderança. Entre os militares brasileiros prevalece a justificativa da fragilidade feminina, que serve para restringir o acesso das mulheres à liderança, é usada para que o homem continue perpetuamente sendo o líder, isso explica o número de Oficiais Gerais nas Forças, apenas 1 mulher enquanto os homens somam-se 372. A mulher também é considerada como quem cuida da casa e dos filhos, se ela está fora quem seria responsável por essa função? Ela está limitada ao lar e se considera sair pode afetar a família. As mulheres possuem os mesmos treinamentos que os homens dentro do exército, ainda assim comumente é perpetuada a ideia de que a mulher é mais fraca, pensamento fortemente enraizado e propagado em nossa sociedade. Essa ideia também coloca a mulher no lugar de um ser que precisa ser defendido, protegido em qualquer situação, mas nunca como o agente direto que protege.

O segundo ponto a ser analisado é a fala de Maria para Carol: “Grande momento de heroína. O momento que ambas estávamos esperando”. O longa rompeu uma grande barreira do sistema patriarcal devido ao protagonismo feminino, que se trata da super-heroína mais poderosa do universo dos quadrinhos. No entanto, tal protagonismo foi representado por uma mulher branca, loira e magra, apesar de quebrar alguns estereótipos das histórias em quadrinhos, como ter seu corpo sexualizado e erotizado, permanece dentro dos padrões de beleza socialmente aceito.

Maria Rambeau, interpretada por Lashana Lynch, é uma mulher negra que na trama ocupa o lugar de melhor amiga da super-heroína, permanecendo reduzida a posição de coadjuvante. Durante muito tempo a luta de reconhecimento das mulheres negras foi

abandonada no processo de emancipação do sexo feminino. Angela Davis evidencia que, como escravas, as mulheres possuíam todos os aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho. Elas eram vistas, assim como os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários não possuíam gênero, ocasionalmente eram esposa, mãe e dona de casa. O capitalismo industrial instituiu a inferioridade das mulheres. Mulher se tornou sinônimo de “mãe” e “dona de casa”, mas não se referia as mulheres negras escravas. Aos olhos dos proprietários elas eram apenas reprodutoras, instrumento para garantir o aumento da força de trabalho escrava (DAVIS, 2016, p. 17-25). As primeiras feministas denunciavam a opressão do casamento, assemelhando o matrimônio a uma “escravidão”, nesse ínterim as mulheres negras ainda não eram percebidas como “mulher”. Assim, ao longo dos anos, as lutas vêm sendo díspares. Isso se reflete em diversos campos da sociedade, aqui observamos como nos filmes de super-heróis, a mulher negra ainda não dispõe de um protagonismo. Apesar de estar presente na trama, ela é restringida ao papel secundário.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carol, ao ocupar um espaço considerado masculino, como piloto da Força Aérea dos Estados Unidos, busca afirmar o direito da mulher de assumir diversas posições e rompe com o padrão de que determinadas atividades não são adequadas às mulheres. Por muitos anos, relegadas a um lugar subalterno na esfera do trabalho, elas estiveram destinadas ao espaço doméstico, ao casamento e a maternidade. A protagonista possui características que tencionam os estereótipos femininos relacionados à representação e rompe constantemente com padrões estipulados através da heteronormatividade.

Não podemos deixar de observar que suas características físicas ainda a enquadram nos padrões de beleza hegemônico. A personagem é branca, magra, possui cabelos loiros e lisos, características valorizadas e exaltadas de acordo com os padrões de beleza impostos pela sociedade. Apesar de romper com uma barreira do sistema patriarcal devido ao protagonismo feminino e quebrar estereótipos das histórias em quadrinhos, ao não ter seu corpo sexualizado e erotizado, a protagonista não foge da zona de conforto que acaba por reproduzir um corpo visto como “ideal”, marginalizando outros corpos, outras cores, outras mulheres.

Carol é constantemente orientada a controlar seu poder e suas emoções, indicando que a mulher ainda é vista como o sexo frágil e passional. A partir da infância existe uma separação entre “coisas de menino” e “coisas de menina”, a fragilidade é atribuída às mulheres, a elas se destinam atividades mais delicadas e menos esportivas, que não as incentivam a se aventurar fora de casa. As brincadeiras geralmente remetem aos cuidados com a casa e filhos. Enquanto aos meninos há o encorajamento para conhecer o mundo além do seu lar, produzir coisas e praticar diversas atividades.

No Exército Brasileiro ainda permanece enraizado, preconceitos de que a mulher é frágil e menos forte que o homem, apesar de já ter se provado o contrário. A justificativa da fragilidade feminina, é usada para restringir o acesso das mulheres à liderança. Enquanto pensamentos assim permanecem, as mulheres continuam a ter seus lugares relegados e dificuldades para ocupar posições ditas como “masculinas”.

Por fim, entendemos que o filme tem aspectos importantes para o debate da equidade de gênero, promovendo a mulher em espaço muito masculinizados, enfatizando a sua capacidade de exercer funções sociais que anteriormente lhe eram negadas. Enfatizando a representatividade da mulher como protagonista de sua própria história, tomando decisões e exercendo funções de liderança e com grande potencial de desdobramento para o debate de gênero e para usos no ambiente de ensino, haja vista que, o filme como elemento pedagógico é um recurso que facilita a aprendizagem e a inserção de temas que geralmente são considerados sensíveis e de difícil debate. Em resumo, *Capitã Marvel (2019)* não só representa uma mudança de paradigma no MCU, mas uma nova percepção do cinema em geral sobre o protagonismo feminino no mundo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

ADAM, Catherine Dalpiaz. **Higher. Further. Faster**: uma análise da representação feminina e das relações em Capitã Marvel. 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/211940/001116093.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 10/12/21.

ACSELRAD, Marcio. A teoria feminista vai ao cinema: configurações e reconfigurações do feminino na tela. **Vozes e Diálogo**, v. 14, n. 01, 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/270173204.pdf>. Acesso em: 08/12/21.

ALMEIDA, Vitor Hugo de Araújo. Mulheres nas Forças Armadas Brasileiras: situação atual e perspectivas futuras. **Estudo para Consultoria Legislativa**, 2015. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/media/2015-291-estudo-sobre-mulheres-nas-forcas-armadas-vitor-hugo2vs.pdf>. Acesso em 15/12/21.

CAPTAIN Marvel. Direção de Anna Boden e Ryan Fleck. EUA WALT DISNEY STUDIOS MOTION PICTURES, 2019. 1 DVD (128m).

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FIGUEIREDO, Allana Mátar de; DO AMOR DIVINO, Marcos Daniel do; FERREIRA, Tatiana Affonso. A dicotomia razão e emoção na obra Por que os homens se casam com as mulheres poderosas? Uma breve análise do tratamento dado às emoções femininas. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.2, p. 15-28, 2012. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/397/404>. Acesso em 11/12/21.

FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam. O que é ser mulher? O que é ser homem? Subsídios para uma discussão das relações de gênero. **Gênero e educação: caderno para professores**. São Paulo, Secretaria Municipal de Educação, p. 29-42, 2003. Disponível em: <http://ceseep.org.br/wp-content/uploads/2014/05/SUBS%C3%8DDIOS-PARA-UMA-DISCUSS%C3%83O-DE-G%C3%8ANERO.pdf>. Acesso em 22/12/21.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2018.

LEVI, Joseph Abraham. Estudos de Mulher e de Gênero nos Estados Unidos da América. Séculos XIX-XXI: Temáticas e Abordagens. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, **Campus Social-Revista Lusófona de Ciências Sociais**, n. 3 & 4, p. 63-76, 2007. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/campusocial/article/view/224>. Acesso em: 27/12/2021.

LEAL, Tatiane. “Elas são muito emotivas”: representações de gênero, emoções e trabalho no discurso jornalístico. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 18, n. 2, p. 170-179, 2016. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2016.182.06/5495>. Acesso em 18/12/21.

LIMA, Helcira Maria Rodrigues de. **Na tessitura do Processo Penal**: a argumentação no Tribunal do Júri. 2006. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-6W2QTZ/1/helcira_lima_tese.pdf. Acesso em: 04/12/21.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira et al. Imagens sociais e gênero nas relações de trabalho. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 5, n. 1, p. 71-101, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/7774/7151>. Acesso em 26/12/21.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. **Do lar para as ruas**: capitalismo, trabalho e feminismo. Mulher e trabalho. Porto Alegre: v. 5, 2011. Disponível em: <http://cdn.fee.tche.br/mulher/2005/artigo3.pdf>. Acesso em: 03/12/21.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo da imagem: território da história cultural. **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural**. Porto Alegre: Asterisco, p. 99-122, 2008.

REGUANT, Dolores. La mujer no existe. In: SAU, Victoria; **Diccionario ideológico feminista**, vol. III. Barcelona: Icaria, 2001.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ações políricas 1, 7

Amotinadas 3, 1, 3, 4, 5, 6, 7

Analfabetismo 67, 68, 69, 70, 73, 75, 77, 217, 218, 225

Aprendizagem 21, 146, 190, 191, 196, 198, 208, 211, 219

Artes da cena 1, 2, 5, 8

Aspectos histórico-culturais 86

B

BNCC/2017 79, 80, 81, 82, 84

C

Capitã marvel 3, 9, 12, 13, 14, 16, 18, 21

Casa de parto 164

Cinema 9, 10, 11, 21

Cognição 128, 190, 208, 210

Contexto urbano 5, 176, 177, 181

Contrassexualidade 98, 102, 103

Corpo gordo 5, 154, 159, 162

D

Desarrollo de capacidades 3, 48, 50, 51, 110, 114, 115, 117

Desarrollo humano 48, 109, 110, 116, 117, 119

Diferença 139, 148, 157, 160, 164, 169, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 225

E

Educação 6, 4, 5, 7, 22, 23, 33, 34, 36, 38, 43, 47, 67, 68, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 91, 95, 97, 104, 127, 133, 134, 142, 143, 146, 160, 161, 162, 165, 176, 192, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227

Educación sexual integral 48, 50, 51, 52

Epidemiologia 97, 120, 121, 130, 211

Escolarização 3, 67, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 78, 216, 217, 224

Escuela 3, 48, 50, 52, 53, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 119, 210

Esporte 3, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34

F

Feminicídio 5, 87, 96, 97, 133, 134, 137, 139, 140, 150, 151, 152, 153

Feminismo 3, 3, 4, 8, 9, 10, 12, 21, 22, 32, 43, 52, 53, 65, 85, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 140, 153, 162, 175

G

Gênero 1, 2, 3, 4, 2, 4, 9, 10, 11, 12, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 47, 69, 71, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 127, 128, 134, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 168, 171, 172, 174, 181, 186, 187, 190, 209, 210, 211, 212

H

Heranças educativas 67, 68, 70, 71, 73, 75, 77

Humanização 5, 164, 165, 167, 170, 171, 172, 173, 174, 175

I

Identidade 12, 25, 26, 27, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 43, 82, 84, 85, 89, 96, 98, 101, 104, 105, 106, 107, 156, 158, 162, 175, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 225

Indígena 109, 110, 111, 112, 114, 116, 151

Interculturalidad 109, 110, 114, 116, 117, 118, 119

Intersexo 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 38

L

Literatura 92, 98, 99, 101, 102, 103, 107, 128, 129, 154, 158, 160, 161, 208

M

Maternidad 3, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66

Migrante 109, 110, 182, 183, 184, 185, 188

Motim 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8

Mulher 4, 5, 12, 20, 22, 86, 87, 88, 89, 95, 122, 126, 127, 130, 131, 133, 134, 135, 140, 142, 154, 167

Mulheres 2, 3, 4, 1, 2, 3, 4, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 36, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 105, 121, 122, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 189, 191, 192, 196, 197, 198, 206, 207, 209, 211, 213, 215, 218, 222

Mulheres negras 4, 19, 20, 86, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 164, 166, 168, 171, 175
Mulheres venezuelanas 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187

N

Necropolítica 4, 86, 94, 97

Notificação 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 130, 132

P

Pedagogias feministas 1

Plano de desenvolvimento institucional 35, 38, 43

PMEA-TO/2015 79, 80, 81, 82, 83, 84

PNE/2014 79, 80, 81, 82, 84

R

Redes sociais 105, 139, 176, 178, 187, 188, 189

Representação 9, 11, 12, 20, 21, 24, 32, 98, 99, 101, 103, 108, 153, 157, 158, 195, 196

S

Sexo 10, 14, 17, 20, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 37, 52, 53, 56, 65, 66, 84, 86, 88, 103, 104, 108, 114, 119, 120, 123, 124, 125, 127, 129, 135, 136, 137, 139, 144, 145, 146, 148, 150, 152, 153, 157, 158, 160, 162, 166, 174, 188, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 199, 204, 206, 208, 210, 211

Sistema de informação 120, 121, 122, 123, 125, 126, 132

T

Teoria queer 33, 34, 98, 99, 102

Transexualidade 98, 100, 104

U

Universidades 1, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 152

V

Violência 4, 5, 19, 38, 42, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 104, 107, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 164, 169, 176, 181

Violência doméstica 4, 87, 88, 94, 95, 96, 130, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 143, 149, 150, 151, 152

Violencia hacia las mujeres 48, 49, 53

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições




Atena
Editora
Ano 2022

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições



Atena
Editora

Ano 2022